

## O CHAMADO DE BERGMAN A BUBER

William Kluback  
City University — New York (USA)

---

**Resumo:** O chamado de Bergman a Buber. O A. reflete sobre o sentido histórico, político e espiritual do chamado de H. Bergman a M. Buber, em carta de 4 de fevereiro de 1938, para que ele abandonasse a Alemanha e se estabelecesse na Palestina. Este sentido se revela na expectativa de Bergman sobre a missão a ser desempenhada por Buber em vista da consolidação da comunidade judaica na Palestina, do diálogo da tradição hebraica com as grandes tradições da humanidade e da luta contra as forças destruidoras então em ação. **Palavras-chave:** H. Bergman, M. Buber, filosofia judaica, sionismo, fraternidade.

**Summary:** From Bergman the call went forth to Buber. The author deals with the historical, political, and spiritual meaning of Bergman's call to Buber, in a letter addressed to him on February 4 of 1938, urging him to leave Germany and settle in Palestine. This meaning appears in the hope expressed by Bergman that he would use his influence to bring about the consolidation of the Jewish community in Palestine, the dialogue between the Hebraic tradition and other great traditions of humankind, and counteraction against the destructive forces engaged in combat at that time.

**Key-words:** H. Bergman, M. Buber, Jewish Philosophy, Zionism, Fraternity.

---

**E**m artigo recentemente publicado nesta Revista\*, referimo-nos a uma carta que Hugo Bergman escreveu a Martin Buber em 4 de fevereiro de 1938. Buber estava finalmente vindo à Palestina e Bergman lembrou-lhe que devia "deixar para trás a porta das possibilidades". Com essas poucas palavras, Bergman expressou uma atitude filosófica e religiosa fundamental. O futuro é a categoria fundamental do pensamento filosófico e religioso. Não o que é, não o que foi, mas o que será é a qualidade determinante de toda perspectiva filosófica e religiosa. O futuro nos possibilita dar sentido tanto ao passado com

Cf. *Síntese Nova Fase*, vol. 20, n. 62 (1993):323-339.

ao presente. O futuro permanece o desconhecido, o não-determinado, e entretanto é o mais real e poderoso. É o reino da esperança, do milagre, da relação com um universo do qual temos pouca visão e imaginação. Bergman tinha uma crença no futuro profunda e de grande visão. Nada está terminado ou estabelecido, compreendido ou interpretado. Tudo está a caminho. Não há cristão, judeu ou muçulmano. Cada um está a caminho de vir a ser. Cada um apenas começou a conhecer seu relacionamento com Deus e com sua história. Cada um corre o perigo mortal de parar de mover-se, de encontrar uma doutrina fixa, de parar e construir templos e sacerdócios que abominam a mudança, querendo conquistar e fixar o tempo e a morte. Entretanto, o tempo e a morte, nossa realidade finita, é o que permite que o ainda por vir apresente-se, e revele novas dimensões da realidade. O tempo procede do evento. Os muros construídos pelo passado e pelo presente enrijecem-se e tornam-se invencíveis. Tememos sua conquista, ficamos aterrorizados com a sua destruição. Eles devem cair. As ruínas são os blocos com os quais construímos novos relacionamentos, i. é, novas esperanças, novos templos, novos modos de caminhar no mundo. Bergman sabia que o passado alemão de Buber estava apagado assim como o seu passado de Praga havia terminado. O agora poderia aparecer como uma piada, e podiam sorrir e chorar quando contassem suas histórias. Antes, era a realidade. O futuro de Buber pertencia ao de seu povo vivendo na terra. "Fecha a porta das possibilidades" foi a admoestação de Bergman. "Você deve construir uma terra para nós, com memórias e esperanças, uma terra cercada de inimigos e imbuída da idéia de futuro."

Freqüentemente satisfazemo-nos com o passado e o presente. Sentimo-nos seguros com o que vivenciamos. Tememos o que não vemos ou sentimos. Sabemos o que Buber significava na Europa tanto para os amigos como para a cultura, mas o que significaria para a Palestina era outra história. Esta história seria criada numa língua diferente, por homens e mulheres que estavam construindo um Estado. Eles teriam pouca paciência com um intelectual Brâmane, mais adequado para ser um rei-filósofo do que um filósofo da terra e do trabalho físico, como foi A. D. Gordon (1846-1922). Nenhuma característica era ampla o suficiente para fazer a ponte entre a Europa e a Palestina. O futuro de Buber estava num mundo distinto, comunicando os ideais do universalismo judeu. Quanto mais essas idéias eram levadas a sério na Palestina, mais se tornavam abertas para o mundo. Buber conduziria a Palestina, e mais tarde Israel, dos confins do Oriente Próximo ao mundo. Buber sempre foi a ponte entre um e o outro. Ele era a ponte, uma nova variação da vida

que nunca abandonou a Europa e que nunca abandonaria sua residência em Israel. Um estranho em Israel, um estranho na Europa, mas em ambos o estranho tinha uma mensagem que os homens ouviam com fascínio. Ele falava de humanismo em ambas as terras, de dignidade humana, de justiça e amor. Se era expulso de uma casa, aprendia a viver em outra. Se era expulso de uma fisicamente, voltava a ela espiritualmente, selecionava o melhor que a terra tinha a oferecer e proclamava sua universalidade. Se numa era ignorado e segregado, na outra era um vidente. O futuro significava sobrevivência no estranhamento, satisfação na solidão, solidão entre honras e cerimônias. Mas não olhava para trás. O futuro seria construído a partir de duas moradas. A Europa não morrerá. Israel não morrerá. Buber caminhava em ambas as terras. Da sua boca saíam palavras e sons de dois espíritos, duas culturas querendo aspirar sua alma. Sua alma gerou gêmeos, um Esaú e um Jacó, mas não era nem um nem outro. Era a fonte de sua vida.

O homem sério abandona a casa de seu pai por uma nova terra e uma nova aventura. Sempre voltamos a Abraão em busca desta imagem. Citamos um texto que indicamos repetidas vezes. É o texto que começa com o chamado para o futuro: "O Senhor disse a Abraão, deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai, e vai para a terra que vou te mostrar. Eu farei de ti uma grande nação, eu te abençoarei e engrandecerei tanto o teu nome que ele será usado em bênçãos ... E assim Abraão partiu como o Senhor havia ordenado; e Lot foi com ele" (Gênesis, 12,1-4). Todos nós de um modo ou de outro seguimos este chamado, sabendo que um dia devemos abandonar a casa de nosso pai. O futuro é nosso apelo a construir e a desenvolver. O futuro fala não só ao indivíduo, mas ao povo e à sua história. Será que o futuro realmente nega o presente e o passado? Sabemos que não. Estamos sempre no presente quando pensamos no futuro e no passado. Na verdade, eles criam o presente. Nunca escapamos do presente assim como nunca escapamos do futuro ou do passado. Temos perspectivas e atitudes diferentes. Acreditamos que compreendemos o passado e que controlamos o presente, mas que o futuro pode nos escapar. Não sabemos como imaginar o futuro. Nele estão nossas esperanças e possibilidades, nossas forças e fraquezas. O futuro é surpreendente e assustador. Não temos sinais nos nossos caminhos, nem guias em nossas errâncias. Fazemos perguntas e recebemos poucas respostas. Abraão entra no futuro com uma promessa. Nós não temos promessas. Tudo o que sabemos é que quando começamos nossa jornada não há retorno. É uma jornada espiritual, na qual abandonamos uma morada para assumir outra. Somos forçados a renunciar a um modo de vida e

a assumir outro. Não devemos nunca ver o que deixamos para trás. O que veríamos nos destruiria. Voltamos à morte. Bergman deixou Praga em 1920, uma cidade da qual tinha se auto-exilado. Deixou uma cidade na qual não era mais desejado. De qualquer modo, nem Bergman nem Buber podiam voltar. Sabiam que algo havia morrido. Algo novo havia nascido. A terra criara um novo tempo e um novo lugar. Espaço e tempo eram criações de uma nova história e de uma nova visão.

Bergman falou a Buber sobre o fim de uma época, a partida de Heppenheim. Somos inicialmente atraídos pela partida. Soa heróica e cheia de aventura. É mais fácil ouvir do que agir. Não abandonamos a tradição que nos nutriu e formou. Somos filhos de nosso passado, sua história e seus valores. O amor de Hermann Cohen por Mozart, Goethe, Schiller e Kant revela majestosamente como os pensadores alemães estavam presentes em seu legado. O legado nacional, com toda a sua glória, é apenas parte de um mundo espiritual maior que abarca o Oriente e o Ocidente. Não há apenas o Cristianismo e o Judaísmo, mas o Islã e o Hinduísmo, mitos e lendas de outros povos e culturas dentro das civilizações européia e asiática. Não deveríamos estar olhando para trás, vendo com admiração e fascínio as culturas que não sobreviveram, mas que devem ser lembradas e discutidas? Estas podem ser preocupações antiquadas, mas fomentam a criatividade e a sabedoria. Estas são hábeis formas de arte em idolatria, uma forma de vida que foi profundamente subvalorizada. Há uma série de relações políticas e morais que freqüentemente são mais profundas e mais sensíveis às necessidades humanas do que as dominadas pelas revelações religiosas, e interpretadas pelos legisladores divinos. Basta estudarmos os trabalhos dos Sofistas, de Protágoras e Demócrito para descobrirmos o quanto estes pensadores eram preocupados com a justiça e a ordem. Creio que não podemos encontrar uma discussão mais significativa sobre a justiça do que nos diálogos platônicos: a *República*, a *Apologia*, o *Protágoras*, o *Banquete*, o *Político*. Como podemos não olhar para trás, a fim de obter o conhecimento e a *finesse* que nos permitam olhar para a frente? Acreditamos que o conselho de Bergman a Buber surgiu de sua preocupação com a urgência da situação e pelo futuro da eficácia de Buber na Palestina. A situação exigia sua voz, novas circunstâncias exigiam sua presença. Ele precisava de uma ponte que o ligasse ao povo, aos *Kibbutzim*, ao socialismo que dominava estes fazendeiros e seus trabalhos. Buber não podia vir espiritualmente. Ele precisava de uma língua. Ele precisava do Hebraico. Nada no passado poderia tornar essa ponte possível. Era uma ponte que tinha de ser construída, que precisava da inteireza de um homem.

A vinda de Buber à Palestina foi um grande evento, não apenas para seus amigos, mas para a relação da Palestina com o restante da cultura européia. A guerra ainda não tinha começado, o Holocausto ainda não tinha mostrado ao mundo os horrores do regime nazista. A Palestina ainda não havia se tornado Israel. Ninguém sabia que papel Buber iria desempenhar. Só havia uma certeza: Buber e Bergman, e seus colegas, manteriam a nobreza e a dignidade do aprendizado e da universalidade judaicas. Se havia uma volta, era para a tradição de aprendizado, para a fé na justiça e para a filosofia dialógica. Dezoito anos após a guerra, Buber recebeu o Prêmio Erasmus. Na carta a Buber, foi feita menção a outros que o receberam e à razão pela qual foram premiados. Fazemos essas observações para mostrar o respeito que Buber trouxe consigo. De Karl Jaspers, foi dito: "Uma vida que é, de maneira notável, dedicada a uma das tradições mais nobres da cultura européia: a pesquisa livre e destemida dos problemas básicos da vida humana. Sobre Robert Schuman... sua campanha infatigável, corajosa e sagaz por uma Europa nova e unida. Em 1960, o prêmio foi concedido a Marc Chagall e a Oskar Kokoscka conjuntamente, para honrar o valor de sua arte e seu espírito, que durante muitos anos serviram à pintura, esta parte inalienável da riqueza cultural da Europa, que a preserva e a enriquece... Em 1962, Romano Guardini (um amigo de Buber) foi honrado com o Prêmio Erasmus, como um dos mais importantes humanistas cristãos de nossa época" (23 de janeiro, 1963). A civilização européia é a herança que formou Buber. Ele trouxe a ela a compreensão do Hasidismo e as ramificações que lhe deram um lugar único na nossa civilização. Na cerimônia, Buber falou de um "Humanismo de Fé" cuja fundação reside nas suas crenças numa *Volkshochschule* nacional. O humanismo é, em última análise, educação, educação dialógica. Buber veio à Palestina para propor suas idéias.

Buber pertencia não apenas ao futuro de Israel, mas ao futuro da cultura européia. Ele nunca renunciou à sua lealdade à Europa, à cultura alemã e austríaca. Ele falou e escreveu em Hebraico a uma cultura que não o compreendia. Falou alemão a uma Alemanha que não o compreendia mais, e em outras línguas àquelas que o compreendiam e aos que não o compreendiam. Buber foi um filósofo do exílio, vagueando de cultura em cultura, ligando a Bíblia a culturas que se originaram dela. Buber podia olhar para trás porque sempre olhava para a frente. Não podia ser aprisionado por um passado que não prefigurasse o futuro. O presente ali estava para lhe permitir olhar tanto para o passado como para o futuro. O homem olha em todas as direções. A verdade flui de cada uma. Precisamos compreender o que essas

direções significam, como elas pertencem uma à outra, o quanto são dependentes uma da outra. Somos estranhos no passado e no futuro. Somos estranhos que estão sempre aprendendo o que significa estar submetido ao tempo e ao espaço. Somos caminhantes que buscam ouvir os sons da verdade, que lutam para seguir os sinais da presença divina. Somos alertados quanto a não voltar atrás, a permanecer prisioneiros do presente, ou de uma alma preocupada que só conhece as visões do futuro. Nenhuma força do tempo domina nossa vida. Estamos além delas. Movemo-nos livremente de uma a outra dimensão. Compreendemos que estas divisões do tempo são sem sentido e arbitrárias. Estamos no futuro ali onde estamos no presente e no passado. O futuro é a realização do passado e do presente. Estas são palavras que designam as divisões do tempo. Expressam o antes, o agora e o depois, mas questionamos se o antes não é a realidade, senão a efetividade, do agora e do depois. Quanto mais fixamos essas designações e lhes damos significados e limites absolutos, mais destruímos a intimidade e a transfiguração que as tornam dependentes umas das outras. Elas vão de encontro uma à outra, às vezes, desconhecidas e ignoradas por nós.

Repetimos uma história conhecida para ouvir novamente seu som. "E então o Senhor fez chover fogo e pedra dos céus em Sodoma e Gomorra. Ele derrubou essas cidades e destruiu a planície, com tudo crescendo na terra. Mas a mulher de Lot, atrás dele, voltou-se para trás e transformou-se numa estátua de sal" (Gênesis 19,24-26). Histórias bíblicas de certo modo permitem que retiremos delas o sentido que quisermos. Nesta passagem ouvimos que a mulher de Lot voltou-se e transformou-se numa estátua de sal. Anteriormente, ouvimos que quando Abraão partiu da casa de seu pai, ele deveria ir para um novo país. Ele seria uma grande nação. "Eu te abençoarei e farei teu nome tão grande que será usado nas bênçãos" (Gênesis 12,2). Apreendemos o milagre que acompanha Abraão e a maldição que afligia a mulher de Lot. Abraão abandona um mundo de idolatria para tornar-se adorador do Único Deus. O homem reconhece isto e tem fé nesta Unidade distinta e única que é o Deus de Israel, que criou o céu e a terra. Abraão e Deus relacionam-se entre si. Este é o futuro de seu relacionamento. A mulher de Lot olha duas cidades amaldiçoadas e é destruída pela visão da destruição. Ela desobedecera ao mandamento divino. Que tal visão faria a ela? Deixaria nela uma impressão indelével de distorção e caos morais. Como poderia uma mulher situar-se no mundo? Ela absorveria em si própria todo o mal do qual o homem era capaz. Olharia para frente com olhos corrompidos. O próprio Lot oferecera suas filhas aos homens de Gomorra para proteger os Anjos

que tinham vindo visitá-lo. Lot dormiu com suas filhas. Da primeira vieram os Moabitas, da segunda os Amonitas. Nenhum deles seria amigo dos Israelitas. Quanta corrupção podemos ver sem nos transformarmos em filhos da corrupção? Devemos nos afastar. Há novas terras a serem ocupadas, novas tarefas a serem assumidas, novas visões e esperanças a serem defendidas e expressas. O homem deve mudar de posição. Deve assumir uma perspectiva diferente. Espaço e tempo não são apenas finitos, mas metafísicos. Eles criam novas realidades. Novos mundos emergem deles. Bergman sabia que se Buber viesse à Palestina, ele seguiria um novo caminho com uma visão diferente. A terra lhe daria uma nova perspectiva. A vida cotidiana da política e da luta social revelariam os caminhos do futuro.

Olhar para trás com ódio destrói aquele que odeia. Olhar para trás com raiva estabelece uma posição moral. Estabelece o que é aceitável e o que deve ser negado. Cansamo-nos muito de falar sobre o futuro. O futuro exige de nós uma possibilidade de verdade. Não possuímos a verdade. Aproximamo-nos dela. Estamos sempre a caminho da verdade, mas nunca estamos com ela. Deus é a Verdade. Podemos trabalhar pela verdade do futuro, mas podemos facilmente ser enganados. A verdade pode ser dolorosa e aterrorizadora. Não há nenhuma razão que estabeleça que a verdade deva nos agradar ou seja designada a nos proporcionar satisfação. Jeremias nos ensinou como nos aproximar da verdade. Ensinou-nos sobre falsos profetas que criaram a verdade a partir da falsidade, que identificaram a verdade com o engano. Ananias, um falso profeta, criou o futuro artisticamente. Ele queria que vissemos a destruição de Nabucodonosor. Falava sobre romper o jugo do rei da Babilônia. Jeremias só podia exclamar: "Que assim seja!" Sabia que não era para ser. Nabucodonosor conquistaria nações. Jeremias voltou-se para Ananias e disse: "Escuta Ananias, o Senhor não te enviou, e tu levaste esta nação a confiar em falsas profecias. Portanto, estas são as palavras do Senhor: atenção, eu vos removerei da face da terra. Deves morrer em um ano, porque pregaste a rebelião contra o Senhor. O profeta Ananias morreu naquele mesmo ano" (Jeremias 28,15-17). Falsa profecia, idolatria, blasfêmia e desvio sexual eram inimigos mortais da moralidade bíblica. Devemos nos afastar dessas experiências. Nossos olhos não devem deleitar-se com elas. Nossos ouvidos não devem ouvir os sons. Nossa pena não deve preencher as páginas de nossos livros com suas descrições. Nosso prazer não deve residir na absorção da carne, como chacais rasgando uma carcaça.

Refletimos sobre o que significa olhar para o passado. É um passado que é mais vivo do que o presente, um passado que

sempre está no presente ou é o passado que se separou do presente, afastou-se e está perdido no universo? No dia 1º de outubro de 1922, na antevéspera do Dia da Reconciliação, Buber escreveu a Franz Rosenzweig algumas reflexões autobiográficas. “Aos quatorze anos”, disse, “parei de usar *filactérias* com uma intensidade que nunca mais senti. E você acha que eu era uma criança? Menos do que agora, talvez, num sentido crucial. Naqueles dias, levava espaço e tempo a sério e não os expulsava de minha mente, como faço agora. Aos catorze fui viver com meu pai que voltara a se casar recentemente”. Sua mãe o abandonara. Buber foi criado numa casa religiosa tradicional, a dos seus avós. Sua carta continua. “Aquele ofensa aconteceu no templo de Lemberg ao qual fui quando meu pai me levou da casa de meu avô. Este costumava me levar com ele ao seu ‘blaus’ (um local de oração do Hasidismo), onde ele, o *iluminado*, orava exclusivamente entre *Hasidim*, utilizando um livro repleto de *Kavvanot* (intenções místicas). Tudo isso não pertence ao passado; mas é”.

O passado não era uma fragilidade, uma série de oportunidades perdidas. Não era uma visão romântica bordada repetidamente com mistério e glória. O passado é uma fonte de reflexão que muda, cresce e se enfraquece. O passado é uma fonte de constante reflexão, mas é do futuro que retiramos nossa vitalidade. A criação permanece incompleta, a relação do homem com a terra é sem fim, e compreender sua inadequação torna-se parte de uma meditação séria sobre o sujeito e o mundo. Vivemos no tempo, quer o chamemos de passado, presente ou futuro. Tomamos consciência dos limites e das lutas necessárias para superá-los. Sentimos o cativo e os poderes da metamorfose. Sabemos que residimos neste tempo e neste lugar, mas o espírito nos leva àquilo que está além, à transcendência que reside nos limites do tempo e do espaço. A transcendência não está apenas nos limites, mas no tempo e no espaço, revelando a finitude da existência humana.

Rosenzweig lembrou a Buber que ele “reduziu a criação a um caos bom o suficiente para fornecer-lhe os materiais para construir uma nova estrutura. O que não se encaixa nela é dispensado como inessencial. Cohen ficou *aterrorizado* com sua descoberta. Você está intoxicado por ela, portanto os heréticos lhe seguirão e mutilarão os rebentos. Mas mesmo neste jardim, haverá um ‘que entrou em paz e saiu em paz’” (Esta carta foi “aparentemente escrita antes de 14 de setembro de 1922”). No futuro, imaginamos que reduzimos o mundo ao caos para reconstruí-lo com justiça e responsabilidade. O futuro é uma realidade pe-

rigosa. Ele incide sobre o presente e o passado, e tenta dominá-los. Tem prazer, às vezes, em remodelá-los e prepará-los para a nova ordem que lhes será imposta. É raro encontrar um homem que entre no passado e no presente e que cultive o futuro, sem tentar matar o que encontra. O futuro não é oposto ao passado e ao presente. Ele convive com eles em paz, desfrutando seus aromas e sons. O futuro pertence a eles como um filho, ele sente sua presença em si mesmo e espera realizar a reciprocidade entre eles. Eles têm direito de existir. Eles nutrem e criam um ao outro. Todos são alimentados pela mesma fonte. O futuro não é uma erupção catastrófica no tempo, separando-se radicalmente do presente ou do passado. Ele emerge neles, primeiro como um elemento estranho, depois como um crescimento natural que pertencia, não reconhecido, a eles. Quando Bergman escreveu a Buber em 1938, pôs perante ele o que acreditava ser a necessidade do futuro. O futuro da Palestina era precário e não se desenvolveria sem uma significativa contribuição humana, o poder de uma figura de projeção mundial que viria para a Palestina, onde seu povo precisava dele. Ele tinha de unir seus esforços aos deles, dar-lhes sua presença. Tinha de dialogar com eles. Sua presença entre eles os tornaria conscientes de que tinha algo a lhes dizer. Mas sua presença os assegurou de pouca coisa. A presença de Buber não criou ou reforçou o poder de sua mensagem. Ele descobriu, assim como muitos antes dele, que a capacidade de ouvir e compreender era rara. O tempo tinha mudado a capacidade de um homem ver e ouvir. O conselho de Bergman teve um som oco. Olhar para trás ou para a frente fazia pouco diferença. A história parece ter passado ao largo de seus pensamentos, esperanças e visão. Mas a história é astuta. Ela poderia voltar com um sorriso, indicando que a natureza finita do homem é o sujeito do tempo e do espaço.

Se nos absorvemos olhando para trás, se mergulhamos constantemente no passado, a fim de desafiar o presente ou limitar as dimensões do futuro, perdemos as visões do futuro. Tornamo-nos instrumentos da história, nunca sabendo o que ela significa ou como pode ser compreendida. O passado é a consequência de nossa imaginação. Deve sempre ser construído. É o trabalho de uma imaginação incessante, ligando o tempo a eventos que podem ser repetidos ou esquecidos. Só há uma certeza: a pessoa que enfrenta a história e tenta fazê-la nos falar. Em outras palavras, os personagens e eventos da história devem transformar-se em um diálogo, um relacionamento que desenvolvemos com a história. Esse diálogo permanece arbitrário. Depende das questões e respostas através das quais submetemos o passado à razão. Para a maioria de nós, o passado é uma narrativa de even-

tos que podem ser repetidos por qualquer um que faça o esforço de aprendê-lo. A história é um registro escrito de eventos, aqueles que o historiador acredita que devem ser lembrados pela humanidade. Lemos as narrativas e nos comprazemos em atribuir-lhes significado. As memórias, os diários, as cartas, os ensaios que os homens escreveram para preservar a época na qual ocorreram nos proporcionam satisfação. Pelo menos, sabemos que eles consideravam-na importante. Que exigimos do filósofo que pensa sobre a história? Que exigia o círculo de Buber dele? A essas questões, acrescentamos: onde estamos indo, e qual é o propósito de nossa ida? Sabendo que cada época e cada pensador têm uma atitude diferente, precisávamos ouvir o que Buber tinha a nos dizer. Precisávamos de conselho, mesmo que não o aceitássemos ou não o compreendêssemos. A presença de Buber entre nós preservava o diálogo. O diálogo era a essência de nossa conversa sobre o objetivo e a visão do Estado e sua história. Buber tinha de explicar isto não apenas a nós, mas também ao mundo. Buber aprendera como falar ao mundo e este, como falar a ele.

Hugo Bergman falava de uma filosofia corajosa que ligasse o pensamento filosófico à coragem da imaginação. O filósofo tem de ser um homem corajoso. O mundo que ele enfrenta precisa sempre de uma nova arquitetura. O filósofo é o artista. Dá forma e ordem àquilo que está sempre tornando-se caótico. Ambos, Bergman e Buber, buscaram o caminho para a ordem através do diálogo. Eram homens de cartas e diários. O mundo era seu reino. Lutaram para enfrentar concretamente os conflitos e eventos de Israel.

O problema da liberdade humana não podia ser enfrentado apenas na consciência. Exigia a efetividade do tempo e do espaço. No aqui e agora, o problema tinha de ser enfrentado, uma decisão tinha de ser tomada e seguida por uma ação. O homem é livre quando sabe que deve assumir responsabilidades. O filósofo é sempre responsável. É responsável não apenas pelo que está acontecendo à sua volta, mas pelo que acredita que ocorrerá. O filósofo pertence ao futuro. Ele lhe pertence, não como um profeta, mas como alguém que acredita na dignidade e potencialidade do homem. O homem é física e intelectualmente incompleto. Ainda não começou a compreender suas relações com a transcendência. A terra não é separada do céu. O reino de silêncio entre eles é um engano, só possível devido à incompletude e inadequação humanas. O homem não nega a realidade dos milagres. Para o homem, tudo é possível. Se acreditamos que o homem se apresenta perante Deus, que ele carrega Seu

sopro dentro dele, as possibilidades e uma realidade desconhecida são seu futuro. Devemos pensar o homem como a fonte do inesperado. Confrontada com um mundo moralmente caótico, essa realidade inesperada exige coragem. É a coragem dos mandamentos. O homem precisa de coragem para enfrentar sua realidade. Precisa de coragem para dialogar com a destruição e a desordem, para afirmar a ordem e o bem quando esses não existirem. Entrar no escuro reduz o homem à desordem. O filósofo fala da luz, ali onde só há escuridão. Ele pode não fazer nada mais e permanecer um filósofo.

Porque se escutava Buber no mundo fora de Israel? Porque era ele escutado com menos força em Israel? Buber falava de uma filosofia religiosa que enobrecia o homem e que falava de seu diálogo contínuo com Deus. Ele nunca abriu mão da importância desse diálogo, de seu significado futuro. Percebemos em Buber um sentido de sensibilidade cósmica. Havia uma comunicação entre o céu e a terra, entre o homem e os animais, entre o homem e o meio ambiente. Falamos da interpenetração entre todos os elementos da criação. Nada é arbitrário. Tudo é relativo. O filósofo é sensível às relações entre as coisas. Na verdade, ele acredita em milagres. O homem é um milagre. O filósofo fica perplexo com as possibilidades do futuro. Ele não se desvia do futuro com desprezo e indiferença. Essa perplexidade é rara e única. Buber era necessário na Palestina para dar expressão aos desejos e esperanças do povo. Bergman sabia disso e queria que ele fosse a voz de Israel, do milagre e da fé, uma voz que fosse ouvida e compartilhada. Buber falava freqüentemente com o Cristianismo, o Islamismo, o ateísmo e o ceticismo. Ele sabia como chegar às pontes e aos diálogos. Buber abraçou o *lógos*. Ele o compartilhava com aqueles que o compreendiam como a comunidade do espírito, dividido e partilhado por homens e mulheres que sabiam o significado da comunidade. Falando a partir de Jerusalém, Bergman esperava que a voz de Buber faria aparecer as respostas que dariam vida à comunidade de fé. A voz de Bergman era uma esperança e uma visão. Ele dependia muito da presença de Buber. Dependia demais. A voz é um milagre mas apenas para poucos. Buber falava a um mundo que havia desaparecido. Outras realidades dominaram a vida do Estado: realidades políticas de poder, o conflito e a luta pela dominação política tornaram-se a regra da sociedade. Jerusalém e Israel eram Idéias e Ideais que novamente enfrentavam uma busca pública recalcitrante com o falso profeta da felicidade e da segurança. Dize-me apenas o que é bom e o que conduz à prosperidade. Esta era a cidade do falso profeta Ananias.

As questões que preocupavam Bergman e Buber eram as que Deus dirigira ao homem no Paraíso e, em particular, a Caim com relação à morte de seu irmão. Essas são as grandes questões morais eternamente vivas em Israel. Há as questões formativas dos Mandamentos e esses ainda são ouvidos em Israel. Quando Bergman apelou a Buber para que abrisse mão das possibilidades que estavam vivas para ele na cultura alemã, ele o convidou a ser a voz dos Mandamentos, vivos não apenas em Jerusalém, mas também no Cristianismo e no Islã. Eram Abraão e Moisés que precisavam ser ouvidos numa Europa que se transformara num bando de rinocerontes, que se tornaram adoradores de *Moloc*, o destruidor das crianças. Israel precisava da voz que ainda falava das gerações, que permitia que a tradição passasse de uma a outra, de intérpretes a intérpretes. O chamado de Bergman soava como o chamado divino a Adão: Onde estás? Não podes esconder-te de mim. Não podes esconder-te de teu povo. Deves permanecer entre eles, falando e conversando com eles, lembrando-lhes dos Mandamentos que lhes foram dados. Eles não receberam os Mandamentos apenas no Sinai, mas no começo dos tempos. No momento da criação, não havia apenas Adão e Eva, havia Israel e a eterna presença de Deus. Todo filho de Israel está com seu povo e levanta sua voz a Deus, à comunidade e aos seus companheiros. Esta voz não tem limitações. Ela vem a cada ouvido que a escuta. A maioria dos homens perdeu seus ouvidos. Renderam-se a *Moloc*, o comedor de crianças. Sem crianças educadas pelos pais, as gerações se romperiam umas com relação às outras. *Moloc* devora a sua alma. Ele deixa apenas a casca e a criança segue o pai mecanicamente. Um rinoceronte segue o outro. A seqüência das gerações falava de velhas palavras: de geração em geração, o espírito se preenche com a palavra de Deus. Buber deve entrar para a comunidade e enfrentar *Moloc*. Ele deve enfrentá-lo com todas as vozes. Devemos falar juntos assim como as tribos antigas e Moisés falaram contra os Amalecitas.

Buber tinha de vir até nós por causa da outra questão que Bergman sabia que ele devia levantar. Seu velho amigo lhe mostraria como caminhar e onde falar na nova terra. Caim tinha ouvido a questão: Onde está seu irmão, Abel? Ele levantou para o mundo a questão agonizante de sua própria culpa: Sou eu guardião de meu irmão? Desta veio a terceira questão e foi ouvida por todos os homens: Que você fez? Essas questões são dirigidas à humanidade, e Caim as ouve por todos nós. No mundo de Abel, essas questões não podiam ser ouvidas. Seu mundo era pacífico, e sem nenhum som que o perturbasse. Os rebanhos e

o pastor produziam sons harmoniosos. Um não pode ser distinguido do outro. Essas questões não devem mais ser ouvidas na sua simplicidade bíblica, escondidas numa história que poucas pessoas lêem hoje. Repetidas vezes tentamos descobrir o que significa falar de nosso companheiro como nosso irmão, falar de nosso vizinho, do homem que reside próximo a nós como nosso companheiro. Levantamos a questão da idéia da humanidade e perguntamos se tem sentido, uma vez que alguns de nossos jovens ainda usam a suástica, outros perpetuam o fanatismo religioso, a idolatria e o ódio. O termo *irmão* tornou-se um termo biológico e não mais espiritual; e isto nos faz estremecer. A voz que todos ouvimos é o grito de Caim e o significado de *irmandade*. Podemos e devemos ainda falar de humanidade? O termo ainda tem significado e propósito? Estes são os filhos de Jacó, Ismael, Esaú, e as filhas de Lot, os Moabitas e os Amonitas. Povos emergiram em todos os cantos da terra em rebeldia e oposição, e ainda nos perguntamos sobre a idéia de humanidade. Seguimos a idéia como se fosse uma verdade eterna. Sabemos que é uma verdade, mas que é objeto de riso. É um motivo de zombaria. A natureza abrangente de Deus não tem circunferência, nenhum limite. Os filósofos enunciaram essa verdade. Nada era mais vital para eles do que a crença de que Deus é Verdade. Há uma verdade no mundo e o mundo não é medida dessa verdade. A presença dessa verdade confere limite a tudo o que é humano. Ela enfrenta *Moloc*.

O conselho de Bergman a Buber era mais do que uma mensagem comum de um amigo a outro. As palavras são ditas clara e precisamente. Repetimos as palavras de Bergman: "Você deve partir agora para encaminhar a plenitude de sua vida e de seu pensamento ao seu destino". Cada vida precisa de um lugar para dar sentido à sua existência, um tempo no qual pode ser ouvida e afetar a realidade à sua volta. Bergman convocou Buber, lembrando-lhe de seu lugar e tempo, que lhe foram dados na história de seu povo. O ano do chamado foi logo antes da eclosão da guerra. Tinha o tom de um chamado divino. Não poderia mais haver um exílio legítimo na Alemanha. Nada podia ser feito para salvar a comunidade judaica restante. Buber estava envelhecendo com sua ligação mística com a cultura alemã. Estava morrendo nela. Bergman e muitos outros o convocaram. Olhar para trás significa morte. Olhar para a frente significa vida. Lembramo-nos de uma história bíblica de Eli e Samuel. Dizem que o Senhor chamou Samuel, que então cuidava do velho Eli. Samuel ouviu a voz de Deus e respondeu: "Aqui estou", e correu para Eli dizendo: "Você me chamou, aqui estou". "Não, eu não o chamei", disse Eli, "deite-se de novo". O Senhor chamou

Samuel pela terceira vez e este foi até Eli novamente e disse: "Aqui estou, você me chamou". Então Eli compreendeu que era o Senhor chamando a criança e mandou Samuel deitar-se e lhe disse: "Se ele chamar de novo, diga: Fala, Senhor, vosso servo escuta" (1Samuel 3,4-9). O chamado era feito com frequência, mas não era ouvido. Os amigos de Buber em Jerusalém haviam-no chamado freqüentemente, esperando que partisse. Sua voz não era ouvida na Alemanha, mas o seria em Israel e, através de Israel, no mundo. Seus amigos sabiam o quanto a Alemanha se tornara obscura, mas as fantasias de uma língua e de uma literatura atraíram aqueles que são seus filhos. Não queriam partir, mas havia o chamado. A juventude chamava os velhos. As vozes tornaram-se mais poderosas e insistentes. Não eram vozes comuns. Eram as da história, dos poderes do momento, a força do destino. Buber tinha de ser lembrado. Ele tinha de ouvir a voz de seu amigo. Ele precisava da direção do conselho de Bergman. Não havia sons em Heppenheim. A carta de Bergman tinha uma irradiação peculiar e decisiva.

Nem Bergman nem Buber conseguiam viver uma vida solitária, desfrutando os prazeres constantes do pensamento pessoal. Eram homens de família, uma família que veio da eternidade, a Comunidade de Israel. Quando lançam um apelo um ao outro, estão chamando em nome da família, em nome de um destino e de um propósito divinos. Compreendemos este chamado não apenas com relação ao momento, mas com relação à história. A comunidade em 1938 estava só, abandonada por uma potência imperial que se preocupava pouco com sua existência. Não havia termos de comparação entre a preocupação da Inglaterra com a Índia e sua preocupação com a Palestina. Esta última era um fragmento menor em um império mundial. Pensar torna-se sério quando compreendemos, como Franz Kafka, que o homem "não vive em função de sua vida pessoal. Ele não pensa em função de seus pensamentos pessoais. Parece-lhe que vive e pensa sob a compulsão de uma família, que, é verdade, é nela mesma superabundante em termos de vida e pensamento, mas pela qual ele constitui uma necessidade formal, em obediência a uma lei desconhecida para ele. Porque ele não pode ficar isento desta família e desta lei desconhecidas" (*Er*, Notas do ano 1920).

Lemos esta e outras cartas e acreditamos nos poderes do caráter, da coragem e da liberdade humanos. Há momentos em que pensamos se o que experimentamos pertence à liberdade ou a alguma necessidade que não podemos descrever ou jamais vir a conhecer. Sentimo-lo em nossas palavras e atitudes. Os filósofos não tinham a segurança das instituições, os poderes do Estado.

Tinham palavras que a maioria das pessoas não ouvia ou não compreendia. Mas suas palavras eram carregadas por uma lei desconhecida que os unia necessariamente à humanidade. Eles falavam em nome de uma tradição e para uma tradição. Pertenciam a ela por necessidade histórica e ela lhes ordenava que lutassem contra o *Moloc* de sua época.

O chamado em 1938 não significava que Buber era o Salvador do qual dependia o destino do povo. Era uma voz falando a outra, pedindo ajuda e companheirismo. As vozes precisavam uma da outra, precisavam de proximidade e de preservação. A distância entre a Alemanha e a Palestina tinha crescido e precisava ser superada. O chamado não foi dirigido apenas a Heppenheim. Foi dirigido ao mundo civilizado. O nome Buber despertava em todo homem devotado à razão a necessidade de parar o *Moloc*. Este havia se transformado em um dos governantes do mundo. Havia chegado para destruir a família, separar os filhos de seus pais. Era o deus dos comedores de crianças. Ele destruiu a história. As linhagens genealógicas da história familiar não podiam mais ser relatadas nas terras de *Moloc*. A criança é seu prazer favorito. Ele se comprazia em desumanizá-la, em transformá-la num brinquedo mecânico. Ele já havia feito isto aos pais, e fez o mesmo com os filhos. *Moloc* revela quão completamente o homem devorou Deus. Houve uma perda assustadora de individualidade. Os filósofos conclamam dolorosamente ao mundo. Desejam propor a idéia de um povo humano, o *Am Adão*. Acreditavam que entre o Ocidente e o Oriente uma nova voz poderia ser ouvida, a Palavra primordial e sua ressonância. Bergman tentou explicar o que tinha de ser dito: “Fomos ordenados a extinguir a memória de *Amalek*, e não a alimentá-la e fortalecê-la. Não levantemos, em nossa terra, os muros dos guetos com nossas próprias mãos. Sejamos o que A. D. Gordon, o mentor espiritual do movimento trabalhista sionista, chamou de um povo humano, e assim nosso papel na luta do homem por um novo humanismo terá um lugar conspícuo. Talvez nossa posição geográfica, histórica e espiritual, entre Oriente e Ocidente, tenha nos preparado para cumprir um papel importante na luta” (*The Quality of Faith*, 1970).

Israel se posicionaria entre o Oriente e o Ocidente. Seria a ponte visando às culturas do Oriente, da China e da Índia. Olharia de volta para o Ocidente, sabendo que ali encontrara uma residência precária. Os filósofos acreditavam que posicionando-se entre um e outro, nas terras de Abraão e Moisés, o chamado de Israel teria um papel único no diálogo do espírito, no humanismo de fé que emerge de um povo devotado à terra e a Deus. Os

filósofos tinham ideais, visões e sonhos. Sabiam que este era seu destino, um destino inevitável. Eram sempre forçados a declarar o que a humanidade não ouve. O destino de Jeremias cai sobre o verdadeiro filósofo, mas isto ele já sabe. Há a coragem com a qual Bergman nos acenou. Não mais esconder-se nas percepções, no mundo fenomenístico. Devemos ser abertos à luz divina em nós e acima de nós. Devemos ser filósofos corajosos, guiados pela luz platônica.

Bergman chamou o vidente de Heppenheim e disse-lhe que viesse, que abandonasse o mundo alemão e assumisse uma nova tarefa, o desafio de Jerusalém, o sonho do futuro. Disse-lhe que tinha uma nova viagem a fazer, novos caminhos a construir e que estes deviam partir de Jerusalém. Ao dizer a Buber que viesse, disse a todos os homens de pensamento que partissem numa nova viagem, para encontrar novos caminhos. A luta contra Moloc começou novamente. Sócrates rejeitou as necessidades de seus amigos. Buscou apenas sua própria imortalidade. Os filósofos de Israel buscavam o bem-estar da comunidade cuja imortalidade residia na criação. Assumiram a luta interminável com Deus. Assumiram esta luta coletivamente. Eram guardiães do espírito. Olhamos para eles como guerreiros gentis radicalmente diferentes dos da *Iliada*. Não tinham lanças. Na verdade, não tinham nenhuma arma física. Tinham sua fé, seu amor e sua coragem. Precisavam estar uns com os outros, compartilhar suas idéias e falar de seus valores para o resto do mundo. Sua força residia em sua confiança e veracidade. Pareciam ser uma força fraca e insignificante, mas a qualidade de sua fé era poderosa. Eram guerreiros sem armaduras; eram homens que acreditavam numa tradição que se recusou a limitar o desejo de Deus. Cada um acreditava com uma qualidade diferente de fé. Sua fé tinha uma unidade precária.

(Tradução do inglês de Marcelo Pimenta Marques)

Endereço do autor:  
65, Oriental Bld.  
Brooklin — NY 11235 — USA